

# mentiras no divã

irvin d. yalom

Tradução de Renato Carreira



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## PREFÁCIO DE ISABEL STILWELL

Sabe aquela sensação de quando o coração salta uma batida, sentimos a adrenalina a subir à cabeça e gritamos baixinho um «yes!» só para nós, que nos enche de entusiasmo e de vontade de fazer bem, e cada vez melhor? Foi o que senti quando entre os meus *e-mails* havia um da editora Saída de Emergência que me pedia um prefácio para *Mentiras no Divã*, de Irvin D. Yalom.

Claro que é pretensioso, e um bocadinho infantil, acreditar que escrever umas linhas sobre alguém que admiramos muito nos aproxima um bocadinho dele e, quem sabe?, podemos ser contagiados pelo seu génio e sabedoria.

De tempos a tempos fazemos descobertas. Das milhares de lombadas que nos fazem entortar a cabeça na tentativa de as decifrar na prateleira de uma livraria, das centenas de livros que nos passam pelas mãos, alguns parecem saltar ao nosso encontro. E marcam-nos. Foi o que me aconteceu com *Quando Nietzsche Chorou*. *Mentiras no Divã* já representa uma busca consciente, uma esperança de que o filão não se tenha esgotado, de que o autor não nos desiluda e volte a fascinar-nos.

E *Mentiras no Divã* não desiludiu. Primeiro damos logo com o trocadilho do título, que em português corre o risco de se perder, para desespero dos tradutores frustrados com a capacidade quase elástica da língua inglesa. *Lying on the Couch* tanto pode querer dizer deitado (no divã) como

mentindo (no divã), e Yalom deve ter retirado um gozo enorme das perspectivas que a duplicidade de sentidos lhe abria. Os seus romances são sempre assim, uma mistura de quase-policial com romance, passando pela «lição» que, sem darmos por isso, vamos recolhendo de como são, afinal, os bastidores da psicoterapia. Lemos pela história, lemos para saber mais, lemos porque queremos perceber o que aconteceu a cada uma das personagens.

Ernest Lash é o protagonista, um psiquiatra, de início deslumbrado com o poder dos medicamentos no tratamento da doença mental, para aos poucos, e à medida que se cruza com a experiência de alguns «gurus» da terapia, se arriscar numa forma de análise mais pessoal e mais livre. Marshal é o seu supervisor, sempre a contar dinheiro, com uma vontade imensa de ascender entre os seus pares, e que não quer que a «incontinência» analítica de Lash lhe estrague o esquema que o seu pensamento obsessivo-compulsivo criou.

Yalom é desassombrado, e temos a certeza de que em certos momentos se identifica totalmente com Lash, para depois fazer algumas incursões por outras das personagens. Os seus «atores» transformam-se, cada um a seu tempo, em advogados do diabo, de forma a permitir criticar e pôr em causa muito do trabalho psicoterapêutico. Faz troça dos terapeutas que veem no seu trabalho um negócio, daqueles que usam e abusam do seu poder sobre os doentes, e depois passa aos «crimes menores», absolutamente humanos, do médico que se envolve com o doente, do que desespera com o seu aparente insucesso ou se revolta com a força corporativa que nesta, como noutras profissões, também sabe aplicar golpes baixos.

Yalom não é um ortodoxo irritante. Recusa-se a imputar diretamente e sem questões o presente ao passado, aos traumas de infância, aos erros dos outros, e a todos os lugares comuns que nos habituámos a associar à psicanálise e à psicologia barata. Mas também não permite às suas personagens que não correlacionem aquilo que viveram e continuam a viver com aquilo que são. Sejam elas analistas ou doentes. E nós participamos em todos os segundos do livro, ora do lado de uma, ora de outra, trocando de papéis, encontrando-nos nas linhas e nas entrelinhas, e procurando afinal todos o mesmo: um dia assumirmo-nos como «mães e pais de nós mesmos», soltas as grilhetas que nos impedem de ser quem realmente somos.

A «guerra» entre a terapia e a farmacologia, que Yalom mantém subjacente a este seu livro, está presente nas entrevistas que o psiquiatra e escritor norte-americano tem dado nos últimos anos. Na realidade, afirma mesmo que as companhias de seguros condenaram a saúde mental a uma

ingestão compulsiva de medicamentos, porque sai mais barato, e não querem perder o seu dinheiro numa terapia necessariamente longa. O problema não está lá longe, nos EUA, e faz parte da agenda política portuguesa, neste preciso momento. Só os ricos podem pagar a crise, que é como quem diz que o acesso a uma psicoterapia é um privilégio dos que a podem custear, reservando-se para os mais pobres uns «pozinhos» que escondem os problemas por debaixo de um imenso tapete... até ao dia em que a caixa de comprimidos acaba, ou alguém decide que o medicamento já não é participado. E no meio de tudo isso perde-se a riqueza de uma arte — e Yalom tem o cuidado de não lhe chamar propriamente ciência —, uma arte com princípios definidos e experimentados, que ensina a escutar, acredita na libertação pela palavra, na capacidade de ajudar o outro a encarar e aceitar a sua finitude, o que só pode fazer se o incentivar a viver plenamente.

Neste livro, e mesmo que o leitor não ponha sequer a hipótese de um dia se deitar (ou mentir) num divã, entende-se a nossa força psíquica, a maravilha da nossa química cerebral, a espantosa capacidade do nosso cérebro, do nosso corpo e da nossa alma, que buscamos incessantemente, e que nunca se deixarão dominar por um comprimido e um copo de água.

Irvin Yalom está agora feliz, entre os seus livros e papéis, loucamente apaixonado pela mulher com quem se casou há uma eternidade, divertido a ver crescer os netos e as flores. Mas, sempre que lhe chegam um microfone, volta a entusiasmar-se com as suas convicções, provando que o humor, a sabedoria e a habilidade de escrever para um grande público não são incompatíveis.

Pela minha parte, quando um escritor confessa, como Yalom confessou, que as melhores ideias lhe surgem num banho de imersão, não preciso de saber mais nada! Mas o leitor, se for curioso, pode interessar-se por conhecê-lo um bocadinho melhor. Yalom, Irvin David como certamente os pais lhe chamavam quando o mandavam parar de devorar livros, é de ascendência russa e viveu a infância num bairro pobre de Washington. Aluno brilhante, escolheu Medicina porque o aproximava de Tolstói e Dostoiévski, mas sempre com a certeza de que queria ser psiquiatra. Quando fala desses tempos, conta que a ortodoxia e o autoritarismo da religião judaica que se professava «lá em casa» o levaram a recusar linearmente a fé, deixando-lhe o espírito livre para procurar outros caminhos.

Mas a vida dá muitas voltas, e em 2001 foi surpreendido pela atribuição do Prémio Pfister, que presta homenagem àqueles que deram um importante contributo para a psiquiatria e para a religião. «Deve haver um

engano, porque sempre me assumi como um ateu praticante!», respondeu ao presidente da comissão, que reiterou o convite garantindo-lhe que o seu envolvimento nas questões existenciais da humanidade faziam dele o premiado certo.

Yalom, na cerimónia de entrega, comentou: «De facto sinto que a minha missão é lidar com o desespero intrínseco da condição humana e estou hoje convencido de que a psicoterapia é uma vocação e não uma profissão.» Para acrescentar que não se leva demasiado a sério e que tem como lema o provérbio italiano que diz que «Depois de um jogo de xadrez, o rei e a rainha acabam fechados na mesma caixa do que o roque e o peão». E um dia «descreveu-se» assim à revista *Solom*: «Vejo-me como um contador de histórias, comprometido com ideias que defendem uma aproximação à vida, por um lado mais profundo e existencial.»

A verdade é que depois do sucesso de *Quando Nietzsche Chorou*, traduzido em vinte línguas, Yalom descobriu que a experiência com os doentes, que declara serem os seus melhores professores, podia e devia ser tema dos seus romances. Pedagógicos, no melhor sentido do termo, porque sem terem nada de manuais de autoajuda, possuindo um enredo e uma história que prende, nos levam a encontrar saídas para as nossas próprias angústias. É o que acontece em *Mentiras no Divã* e, depois disso, e já traduzido para português, em *A Cura de Schopenhauer*, da mesma editora.

Em toda a sua obra, Yalom garante que só olhando nos olhos a nossa mortalidade podemos vencer o medo que nos provoca «e nos assalta nos sonhos, quando o carcereiro deste receio se distrai e, por momentos, deixa que o terror invada o nosso consciente».

Diz que os adolescentes ainda mantêm a sua capacidade de equacionar a vida, mas que a maioria de nós se esconde atrás de projetos e carreiras, a que atribui uma importância que não têm, anestesiando as suas angústias. Até que um dia a morte de alguém próximo, uma doença terminal ou um acontecimento que «salta dos carris» nos faz baixar as defesas. E aí somos invadidos pelo pânico, pela angústia indescritível da ansiedade, aquele medo sem nome que nos deixa sem lugar para onde fugir. Para não falar na depressão, classificada já pela Organização Mundial da Saúde como a epidemia do século XXI, e que os últimos dados da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria apontam para cerca de um milhão de casos por ano.

Com os seus livros, Yalom não nos quer levar a todos para o divã, mas não esconde que fica feliz quando percebe que quem o leu entendeu que não podemos ser «pessoas a sério» se não formos capazes de pensar na

nossa existência, de equacionar o paradoxo de uma vida dedicada a aperfeiçoarmo-nos para depois tudo acabar num momento. «Quando estão a morrer, as pessoas nunca dizem “que pena não ter trabalhado mais”. O que lamentam é o tempo que desperdiçaram com coisas de que não gostavam, o tempo que não usaram para estar com aqueles que amam, para realizarem os seus sonhos», insiste na mesma entrevista à revista *Solom*.

Por outro lado, defende, do alto da sua experiência de quase setenta anos, que as próprias pessoas podem ficar presas à ilusão de que é obrigatório «encontrar um sentido para a vida», como quem compra uma apólice, caindo na esparrela de falsas religiões, causas ou conjunturas astrais, que exploram o seu mal-estar.

A sua «psicoterapia existencial e dinâmica», como lhe chama, não vai por aí. «Na minha relação clínica com o doente, nunca discuto o propósito da vida de uma forma explícita, como se fosse uma fórmula que é preciso descobrir, mas antes trabalho com as pessoas, os envolvimentos e os projetos que são realmente importantes para elas. É daí que virá o sentido, e a psicoterapia tem é de ajudar o cliente a retirar os obstáculos que o impedem de viver plenamente esses sonhos», diz.

A verdade é que os livros de Yalom, como todos os livros bem escritos, nos aquecem a alma e nos contagiam com uma vontade de começar tudo de novo, como se tivéssemos à nossa frente uma folha em branco. Vivendo a sério, porque, como diz o escritor, o medo da morte é proporcional à vida não vivida; ou seja, cresce quando morremos em cada um dos nossos dias. Por isso é que não se cansa de citar Kazantzákis, quando este recomenda: «Não deixes nada para a morte senão um castelo queimado.»

ISABEL STILWELL

Sintra, 11 de novembro de 2007



Ao futuro — Lily, Alana, Lenore, Jason, Desmond.  
Que as vossas vidas sejam repletas de sonho.





## PRÓLOGO

Ernest adorava fazer psicoterapia. Dia após dia, os seus pacientes convidavam-no a entrar nos recantos mais íntimos das suas vidas. Dia após dia, confortava-os, preocupava-se com eles, aliviava o seu desespero. E, em troca, era admirado e acarinhado. E também pago, apesar de pensar com frequência que, se não precisasse do dinheiro, faria psicoterapia de graça.

Feliz aquele que ama o seu trabalho. E Ernest sentia-se realmente afortunado. Mais do que afortunado. Abençoado. Era um homem que encontrara a sua vocação, um homem que poderia dizer: estou precisamente onde pertença, no vórtice dos meus talentos, dos meus interesses e das minhas paixões.

Não era um homem religioso. Mas, quando abria diariamente a sua agenda de marcações e via os nomes das oito ou nove pessoas estimadas com que passaria o dia, sentia-se tomado por uma sensação que apenas podia descrever como sendo religiosa. Nesses momentos, apossava-se dele um desejo de agradecer a alguém ou a alguma coisa por ter sido conduzido à sua vocação.

Em certas manhãs, olhava para cima, pela claraboia do edifício vitoriano na Sacramento Street, através da neblina matinal, e imaginava os seus antecessores na psiquiatria suspensos na aurora.

«Obrigado, obrigado», entoava. Agradecia a todos — a todos os curandeiros que aplacaram o desespero. Em primeiro lugar, aos mais

remotos, com os seus contornos empíricos que mal se notavam: Jesus, Buda, Sócrates. Abaixo destes, ligeiramente mais distintos, os grandes precursores: Nietzsche, Kierkegaard, Freud, Jung. Ainda mais próximos, os terapeutas pioneiros: Adler, Horney, Sullivan, Fromm e a adorável expressão sorridente de Sandor Ferenczi.

Alguns anos antes, responderam ao seu apelo quando, concluída a especialização, seguiu os passos de todos os jovens neuropsiquiatras ambiciosos e decidiu enveredar pela pesquisa neuroquímica, o caminho do futuro, a arena dourada das oportunidades. Os antecessores perceberam que se tinha desviado do caminho. O seu lugar não era em nenhum laboratório científico. Nem num consultório psicofarmacológico a receitar medicamentos.

Enviaram um mensageiro, um mensageiro peculiar e poderoso, para o conduzir novamente ao seu destino. Ernest nunca soube porque decidira tornar-se terapeuta. Mas lembrava-se de quando tomara a decisão. Recordava o dia com clareza espantosa. E recordava também o mensageiro: Seymour Trotter, um homem que viu uma única vez e que lhe mudou a vida para sempre.

Seis anos antes, o diretor do departamento de Ernest indicou-o para passar um período na Comissão de Ética Médica do Hospital Stanford e o seu primeiro processo disciplinar foi o caso do Dr. Trotter. Seymour Trotter era um patriarca da comunidade psiquiátrica de setenta e um anos e antigo presidente da Associação Americana de Psiquiatria. Fora acusado de conduta imprópria com uma paciente de trinta e dois anos na forma de atos de natureza sexual.

Nessa altura, Ernest era professor assistente de Psiquiatria a quatro anos de se tornar residente. Como investigador de neuroquímica a tempo inteiro, a sua ingenuidade acerca do mundo da psicoterapia era total, impossibilitando-o de perceber que lhe tinha sido entregue aquele caso porque mais ninguém se atrevia a tocar-lhe: todos os psiquiatras mais velhos do Norte da Califórnia veneravam e temiam Seymour Trotter.

Escolheu um austero gabinete administrativo hospitalar para a entrevista e tentou assumir uma postura oficial, olhando o relógio enquanto esperava o Dr. Trotter, com o *dossier* da queixa por abrir sobre a secretária à sua frente. Para manter a imparcialidade, decidiu questionar o acusado sem conhecimento prévio da acusação, permitindo-lhe ouvir a sua história sem ideias preconcebidas. Leria o *dossier* mais tarde e, se necessário, convocaria um segundo encontro.

Ouviu uma sequência de pancadas breves e ritmadas no chão, prolongando-se ao longo do corredor. Poderia o Dr. Trotter ser cego? Ninguém o preparara para tal. O ruído, acompanhado por um arrastar, aproximou-se. Ernest ergueu-se e saiu.

Não, não era cego. Era coxo. O Dr. Trotter avançava curvado pelo corredor, equilibrando-se com dificuldade sobre duas bengalas. Dobrava-se para a frente pela cintura e mantinha as bengalas separadas, com os braços quase esticados. As maçãs do rosto e o queixo mantinham o vigor, mas todos os tecidos moles haviam sido colonizados por rugas e marcas de velhice. Pendiam-lhe pregas de pele do pescoço e viam-se tufos de penugem grisalha saindo-lhe das orelhas. No entanto, a idade não conseguira vencer aquele homem. Sobrevivia nele algo jovem ou até mesmo infantil. O que seria? Talvez o cabelo, cinzento e denso, que usava curto, ou a maneira de vestir, com um casaco de ganga azul sobre uma camisola de gola alta branca.

Apresentaram-se junto à porta. O Dr. Trotter cambaleou alguns passos para o interior e ergueu subitamente as bengalas, voltando-se vigorosamente e, como se tivesse confiado unicamente na sorte, caiu sobre a cadeira com uma pirueta.

— No alvo! Surpreendi-o, não?

Ernest não tinha qualquer intenção de se deixar distrair.

— Compreende a finalidade desta entrevista, Dr. Trotter? E compreende porque vou gravá-la?

— Ouvi um rumor de que a administração hospitalar está a pensar em mim para o prémio de Empregado do Mês.

Ernest olhou-o sem pestanejar através das lentes largas dos seus óculos e não disse nada.

— Desculpe, sei que tem de fazer o seu trabalho, mas, quando já se passou dos setenta, é impossível não nos divertirmos com piadas como esta. Sim, setenta e um feitos na semana passada. Que idade tem, Dr...? Esqueci-me do seu nome. A cada minuto que passa — disse, tocando com um dedo na têmpora —, uma dúzia de neurónios corticais apaga-se sem remédio. A ironia é que publiquei quatro trabalhos sobre a doença de Alzheimer, naturalmente não me lembro onde, mas eram boas publicações. Sabia disso?

Ernest abanou a cabeça.

— Então nunca soube e eu esqueci-me. Isso coloca-nos aproximadamente na mesma posição. Sabe quais são as duas vantagens da doença de

Alzheimer? Os velhos amigos tornam-se novos amigos e podemos esconder os nossos próprios ovos de Páscoa.

Apesar da irritação, Ernest não conseguiu evitar sorrir.

— O seu nome, idade e corrente de ideias?

— Sou o Dr. Ernest Lash e talvez o resto não seja pertinente por agora, Dr. Trotter. Temos muito que discutir hoje.

— O meu filho tem quarenta. Não pode ter mais do que isso. Sei que se formou em Stanford. Ouvi-o falar numa conferência no ano passado. Saiu-se muito bem. Uma apresentação muito clara. Hoje em dia, tudo gira em torno de psicofármacos, não é? Que tipo de formação psicoterapêutica recebem? Espero que recebam alguma.

Ernest tirou o relógio e colocou-o sobre a secretária.

— Noutra altura, terei todo o gosto em enviar-lhe uma cópia do currículo de Stanford, mas, por agora, peço-lhe que se restrinja ao assunto em discussão, Dr. Trotter. Talvez possa contar-me por suas palavras o que sucedeu com a Sra. Felini.

— Muito bem, muito bem. Quer seriedade. Quer que lhe conte a minha versão. Recoste-se, rapazola, e contar-lhe-ei uma história. Aconteceu há cerca de quatro anos, no mínimo... perdi todos os registos dessa paciente... em que data ocorreu de acordo com os dados que possui? O quê? Não leu o *dossier*? Preguiça? Ou tentativa de evitar opiniões prévias?

— Por favor, Dr. Trotter, continue.

— O primeiro princípio que deve nortear uma entrevista é o estabelecimento de um ambiente caloroso e inspirador de fiabilidade. Agora que consegui atingir esse objetivo com tamanha mestria, sinto-me muito mais livre para recordar factos dolorosos e causadores de embaraço. Ah, isso atingiu-o. Tem de ter cuidado comigo, Dr. Lash. Tenho quarenta anos de experiência a ler expressões faciais. Sou muito bom a fazê-lo. Mas, se já acabou com as interrupções, posso começar. Preparado?

» Há anos, digamos que se passou há quatro, uma mulher, Belle, entra, ou melhor, arrasta-se para o meu consultório, talvez lá tenha naufragado. Naufragar é um verbo? À volta de trinta e cinco anos, de nível social elevado, suíço-italiana, deprimida, usando uma blusa de mangas compridas em pleno verão. Tendência óbvia para a automutilação com cicatrizes dos pulsos para cima. Sempre que vir mangas compridas num paciente intrigante durante o verão, pense sempre em cortes e drogas injetadas, Dr. Lash. Bonita, pele perfeita, olhos sedutores, vestida com elegância. Com classe, mas à beira do colapso.

» Um longo historial autodestrutivo. Tudo o que lhe ocorra: experimentou todas as drogas sem falhar uma. Quando a vi pela primeira vez, tinha voltado ao álcool com um pouco de heroína à mistura. Mas sem estar realmente viciada. De alguma forma, não tinha queda para isso, há gente assim, mas esforçava-se. E havia também os distúrbios alimentares. Sobretudo anorexia, mas com tendências ocasionais para a bulimia. Já lhe falei na automutilação, inúmeros cortes em ambos os braços e nos pulsos. Gostava da dor e do sangue. Eram as únicas ocasiões em que se sentia viva. Ouvimos pacientes dizer isso com frequência. Meia dúzia de hospitalizações breves. Saía sempre por sua própria iniciativa um ou dois dias depois. O pessoal hospitalar congratulava-se quando partia. Era boa no jogo do tumulto, um verdadeiro prodígio. Recordar-se de *As Pessoas e os Seus Jogos*<sup>1</sup>, o livro de Eric Berne?

» Não? Calculo que seja anterior ao seu tempo. Bolas, sinto-me velho. Mas é bom. Berne não era parvo. Leia. É uma grande falha.

» Casada, sem filhos. Recusou-se a tê-los. Dizia que o mundo era um sítio medonho demais para impor às crianças. Um bom marido, relacionamento degradado. Ele queria muito ter filhos e havia discussões frequentes a esse respeito. Era banqueiro, tal como o pai dela, e viajava constantemente. Poucos anos após o casamento, ganhou bom dinheiro, mas nunca fez fortuna como o pai dela fizera. Sempre muito ocupado, dormia com o computador. Talvez o fodesse, quem sabe? Certamente não fodia Belle. Pelas suas palavras, evitava-a há anos, talvez devido ao desagrado pela inexistência de filhos. Difícil de perceber o que os mantinha casados. Ele foi criado numa família de cristãos científicos e recusava-se a fazer terapia conjugal ou qualquer outra forma de psicoterapia. Mas ela admitia que nunca insistiu muito. Vejamos. Que mais? Ajude-me, Dr. Lash.

» Terapias anteriores? Boa. Uma questão importante. Pergunto sempre isso nos primeiros trinta minutos. Terapia contínua, ou tentativas de terapia, desde a adolescência. Correu todos os terapeutas de Genebra e, durante algum tempo, viajava até Zurique para fazer análise. Estudou nos Estados Unidos, no Pomona College, e viu terapeuta após terapeuta, muitas vezes durante uma única sessão. Aguentou-se com três ou quatro durante alguns meses, mas nunca fez progressos com nenhum. Belle era, e é, muito difícil de cativar. Ninguém era suficientemente bom ou, pelo menos, ninguém era suficientemente bom para ela. Todos os terapeutas tinham um defeito: demasiado formais, demasiado pomposos, demasiado propensos a

---

<sup>1</sup> *Games People Play*, publicado originalmente em 1964. (N. do T.)

formar juízos, demasiado condescendentes, demasiado voltados para o lucro, demasiado frios, demasiado preocupados com diagnósticos, demasiado formais. Medicação? Testes psicológicos? Protocolos comportamentais? Esqueça. Quem o sugerisse era imediatamente posto de parte. Que mais?

» Como me escolheu? Excelente questão, Dr. Lash. Permite-nos focar a atenção e ir diretos ao assunto. Ainda faremos de si um psicoterapeuta. Tive essa impressão a seu respeito quando o ouvi na conferência. Discurso agradável e incisivo. Notou-se enquanto apresentava os dados. Mas o que me agradou mais foi a sua exposição do caso, sobretudo a forma como se deixou afetar pelos pacientes. Vi que tinha os instintos certos. Carl Rogers costumava dizer: «Não percam tempo a treinar terapeutas. Esse tempo será mais bem gasto a selecioná-los.» Sempre achei que eram palavras profundas.

» Vejamos, onde ia? Ah, no que a trouxe até mim. O seu ginecologista, que adorava, era um antigo paciente meu. Contou-lhe que eu era um tipo decente, sem tretas e disposto a sujar as mãos. Pesquisou-me na biblioteca e gostou de um artigo que escrevi há quinze anos, discutindo o conceito apresentado por Jung de invenção de uma linguagem terapêutica nova para cada paciente. Conhece esse trabalho? Não? Foi publicado na *Revista de Ortopsiquiatria*. Envio-lhe uma cópia. Fui mais longe do que Jung. Sugeri que se inventasse uma terapia nova para cada paciente, que encarássemos com seriedade o caráter único de cada paciente e desenvolvêssemos uma terapia para cada um.

» Café? Sim, obrigado. Sem açúcar. Obrigado. Foi assim que chegou até mim. E a próxima questão que deverá colocar, Dr. Lash? Porquê nessa altura? Precisamente. É exatamente essa. Sempre uma pergunta de grande valor a colocar a um paciente novo. A resposta: jogos sexuais perigosos. Até ela percebia o risco. Sempre fizera algumas daquelas coisas, mas tornava-se demasiado arriscado. Imagine que conduzia na autoestrada junto a carlinhas ou camiões suficientemente altos para que os condutores a vissem, levantando a saia e começando a masturbar-se a cento e vinte quilómetros por hora. Uma loucura. A seguir, tomava a saída seguinte e, se o condutor a seguisse, pararia, subir-lhe-ia para a cabina e far-lhe-ia um broche. Loucura suicida. E em inúmeras ocasiões. Estava tão descontrolada que, quando o tédio apertava, entrava num bar rasca de São José, por vezes um bar de mexicanos, por vezes de negros, e engatava alguém. Dava-lhe prazer envolver-se em situações perigosas, ficando rodeada por homens desconhecidos e potencialmente violentos. E o perigo não vinha unicamente dos homens,

mas também das prostitutas, que não gostavam de a ver roubar-lhes o negócio. Ameaçavam-na de morte e tinha de se manter constantemente em movimento para lhes escapar. E quanto a sida, herpes, sexo seguro, preservativos? Era como se nunca tivesse ouvido essas palavras.

» Basicamente, era assim a Belle quando começámos. Percebe? Tem perguntas ou posso continuar? Muito bem. Então, de alguma forma, na nossa primeira sessão, passei todos os seus testes. Voltou uma segunda e uma terceira vez e iniciámos o tratamento, duas ou três vezes por semana. Passei uma hora inteira a registar um historial detalhado do trabalho feito com os seus terapeutas anteriores. É sempre uma boa estratégia quando se tem um paciente difícil, Dr. Lash. Descobrir o tratamento adotado e tentar evitar os mesmos erros. Esqueça aquela treta sobre o paciente não estar pronto para a terapia! É a terapia que não está pronta para o paciente. Mas tem de ser suficientemente arrojado e criativo para conceber uma terapia nova para cada um.

» Belle Felini não era uma paciente que pudesse ser abordada com recurso à técnica tradicional. Se me mantivesse no meu papel profissional normal, registando o historial, refletindo, compreendendo, interpretando, puf!, tê-la-ia perdido, acredite. *Sayonara. Auf Wiedersehen*. Foi o que fez a todos os outros terapeutas que consultou, e muitos deles tinham boas reputações. Conhece a velha história: a operação foi um sucesso, mas o paciente faleceu.

» Que técnicas empreguei? Receio que lhe tenha escapado o elemento fulcral. A minha técnica é o abandono de todas as técnicas! Não me estou a armar em esperto, Dr. Lash, essa é a primeira regra de uma boa terapia. E devia também ser a sua, se vier a tornar-se um terapeuta. Tentei ser mais humano e menos mecânico. Não defino um plano terapêutico sistemático, e você também não o fará após quarenta anos de experiência profissional. Limite-me a confiar nos meus instintos. Mas parece-me que isso não será justo para um principiante como você. Olhando para trás, creio que o aspeto mais marcante da patologia de Belle era a sua impulsividade. Sentia um desejo e tinha de o satisfazer. Lembro-me de tentar aumentar a sua resistência à frustração. Foi o meu ponto de partida, o meu primeiro, e talvez o maior, objetivo terapêutico. Vejamos... Por onde começámos? É difícil recordar o início sem as minhas notas. Foi há muitos anos.

» Disse-lhe que as perdi. Vejo-lhe a dúvida no rosto. As notas perderam-se. Desapareceram quando mudei de consultório há cerca de dois anos. Tem de acreditar em mim. Não tem escolha.



» Pelas recordações que tenho, as coisas correram melhor no início do que teria imaginado. Não sei porquê, mas Belle afeiçãoou-se de imediato a mim. Não pode ter sido pelo meu bom aspeto. Tinha acabado de ser submetido a uma cirurgia às cataratas e o meu olho estava medonho. E a ataxia não aumentava o meu *sex appeal*... é ataxia cerebelar congénita, se estiver curioso. Certamente progressiva... vejo um andarilho no meu futuro, dentro de um ano ou dois, e uma cadeira de rodas dentro de três ou quatro. *C'est la vie*.

» Penso que Belle terá gostado de mim porque a tratava como uma pessoa. Fazia exatamente o que está a fazer agora, e quero dizer-lhe, Dr. Lash, que aprecio que o faça. Não li os seus historiais. Avancei às cegas, querendo estar absolutamente fresco. Nunca vi Belle como um diagnóstico, nem um caso de distúrbios de personalidade, alimentares, compulsivos ou antisociais. É assim que me debruço sobre todos os meus pacientes. E espero que nunca me veja como um diagnóstico.

» Se me parece que há lugar para o diagnóstico? Bom, sei que vocês que se formam agora e toda a indústria psicofarmacêutica vivem dos diagnósticos. As publicações psiquiátricas estão pejadas de discussões vazias sobre aspetos variantes do diagnóstico. Tudo isso está destinado à lixeira no futuro. Sei que é importante nalgumas psicoses, mas desempenha um papel menor, aliás, um papel negativo, na psicoterapia quotidiana. Já pensou no facto de ser mais fácil estabelecer um diagnóstico da primeira vez que se vê um paciente, tornando-se mais difícil quanto melhor se passa a conhecê-lo? Pergunte a qualquer terapeuta experiente em privado e todos lhe dirão o mesmo! Por outras palavras, a certeza é inversamente proporcional ao conhecimento. Rica ciência, há?

» O que lhe digo, Dr. Lash, é apenas que não fiz um diagnóstico de Belle. Nem sequer pensei nisso. Continuo a não o fazer. Apesar do que aconteceu, apesar do que me fez, continuo a não o fazer. E parece-me que sabia disso. Éramos apenas duas pessoas a estabelecer contacto. Gostei de Belle. Desde o primeiro momento. Gostei muito dela! E ela sabia disso. Talvez seja esse o elemento fundamental.

» Belle não era uma boa paciente para diálogos terapêuticos, de modo algum. Impulsiva, voltada para a ação, sem curiosidade a seu respeito, nada introspectiva, sem capacidade para a associação livre. Fracassava sempre nas tarefas tradicionais da terapia, autoexame, clarificação, e acabava por se sentir pior. Era esse o motivo para o falhanço da terapia. E foi por isso que soube que tinha de lhe atrair a atenção de outra forma. Foi por isso que tive de lhe inventar uma nova terapia.

» Por exemplo? Bom, deixe-me contar-lhe algo do início da terapia, talvez do terceiro ou quarto mês. Tinha-me centrado no seu comportamento sexual autodestrutivo, perguntando-lhe o que queria realmente dos homens, incluindo do primeiro homem na sua vida, o pai. Mas não chegava a lado nenhum. Resistia a falar sobre o passado, dizia tê-lo feito demasiado com os outros. Além disso, acreditava que remexer nas cinzas do passado era apenas uma desculpa para escapar à responsabilidade pessoal pelas nossas ações. Lera o meu livro sobre psicoterapia e aquelas palavras citavam as minhas. Odeio quando isso acontece. Quando os pacientes resistem citando os nossos livros, apanham-nos pelos tomates.

» Numa sessão, pedi-lhe que me contasse fantasias precoces, sexuais ou não, e, finalmente, para me fazer a vontade, descreveu uma fantasia recorrente de quando tinha oito ou nove anos: uma tempestade lá fora, ela entra num quarto frio encharcada e um homem mais velho espera-a. Abraça-a, despe-lhe as roupas molhadas, seca-a com uma toalha grande e aquecida, dá-lhe chocolate quente. Então sugeri que representássemos esses papéis. Disse-lhe que saísse do consultório e voltasse a entrar, fingindo estar molhada e com frio. Saltei sobre a parte da remoção das roupas, claro, trouxe uma toalha de bom tamanho da casa de banho e sequei-a vigorosamente, sem conotações sexuais, como sempre fazia. «Sequei-lhe» as costas e o cabelo e, a seguir, embrulhei-a na toalha, fi-la sentar-se e preparei-lhe uma chávena de chocolate quente instantâneo.

» Não me pergunte porque decidi fazer aquilo naquele momento. Quando se exerce a profissão há tanto tempo como eu, aprende-se a confiar na intuição. E essa intervenção alterou tudo. Belle ficou sem palavras durante algum tempo, os seus olhos inundaram-se de lágrimas e começou a soluçar como um bebé. Nunca tinha chorado durante a terapia. A resistência limitou-se a desaparecer.

» O que quero dizer quando digo que a resistência desapareceu? Que passou a confiar em mim, que acreditou que estávamos do mesmo lado. O termo técnico, Dr. Lash, é «aliança terapêutica». Depois disso, tornou-se uma paciente real. Passou a partilhar dados fundamentais. Passou a ansiar pela sessão seguinte. A terapia tornou-se o centro da sua vida. Várias vezes me disse como me tinha tornado importante para ela. E passados apenas três meses.

» Seria demasiado importante? Não, Dr. Lash, o terapeuta não pode ser demasiado importante no início da terapia. Até Freud usou a estratégia de

tentar substituir uma neurose psíquica por uma neurose de transferência. É uma forma poderosa de adquirir controlo sobre sintomas destrutivos.

» Parece intrigado por isto. O que acontece é que o paciente se torna obcecado com o terapeuta, revisitando continuamente cada sessão, estabelecendo longas conversas fantasiadas com o terapeuta entre sessões. Eventualmente, os sintomas são ultrapassados pela terapia. Por outras palavras, em vez de serem impelidos por fatores neuróticos internos, os sintomas passam a flutuar de acordo com as exigências da relação terapêutica.

» Não, obrigado, não quero mais café, Ernest. Mas beba. Esteja à vontade. Importa-se que lhe chame Ernest? Ótimo. Continuando, aproveitei este desenvolvimento. Fiz tudo o que pude para me tornar ainda mais importante para Belle. Respondi a todas as questões que me colocava sobre a minha vida, dei apoio aos aspetos positivos. Disse-lhe que era uma mulher inteligente e bonita. Detestava o que fazia a si própria e disse-lho diretamente. Nada disso foi difícil. Bastou-me dizer a verdade.

» Perguntou-me antes qual era a minha técnica. Talvez a melhor resposta seja: dizia a verdade. Gradualmente, comecei a desempenhar um papel maior nas suas fantasias. Embarcava em longos solilóquios sobre nós os dois juntos, amparando-nos mutuamente, eu a comportar-me como seu progenitor, alimentando-a. Uma vez, trouxe uma embalagem de gelatina e uma colher para o consultório e pediu-me para lhe dar de comer, o que fiz com grande gosto.

» Parece inocente, não é? Mas sabia, mesmo no princípio, que uma sombra pairava sobre nós. Soube-o na altura, quando falou sobre a forma como se sentia excitada quando a alimentava. Soube-o quando falava sobre viagens longas para fazer canoagem, durante dois ou três dias por semana, apenas para poder estar sozinha, flutuando na água e deleitando-se com as fantasias em que eu era interveniente. Sabia que a minha abordagem era arriscada, mas era um risco calculado. Permitiria que a transferência positiva se acumulasse, permitindo-me usá-la para combater os seus impulsos autodestrutivos.

» E, após dois meses, tornara-me tão importante para ela que podia começar a debruçar-me sobre a sua patologia. Em primeiro lugar, concentrei-me nos elementos letais: o VIH, as visitas aos bares, os broches de misericórdia na autoestrada. Fez um teste ao VIH, que, graças a Deus, foi negativo. Lembro-me de aguardar duas semanas pelos resultados. Deixei-me dizer-lhe que estava tão ansioso como ela.

» Já trabalhou com pacientes que aguardam os resultados de um teste ao VIH? Não? Bom, Ernest, esse período de espera é uma janela de oportunidade. Pode usá-lo para fazer algum trabalho real. Durante alguns dias, os pacientes defrontam-se com a sua morte, possivelmente pela primeira vez. É um período em que podemos ajudá-los a examinar e reorganizar as suas prioridades, a basear as suas vidas e o seu comportamento no que realmente conta. Costumo chamar-lhe Terapia de Choque Existencial. Mas com Belle não foi assim. Estava perturbada demais. A negação era muita. Como muitos outros pacientes autodestrutivos, sentia-se invulnerável às ações de qualquer outra pessoa.

» Informei-a sobre o VIH e o herpes, que, milagrosamente, também não tinha, e sobre alguns procedimentos de sexo seguro. Instruí-a acerca de locais mais seguros para encontrar homens se precisasse realmente de o fazer: clubes de ténis, reuniões de pais em escolas, apresentações de livros. Belle era fenomenal. Que talento! Conseguia estabelecer contacto com um completo desconhecido em cinco ou seis minutos, por vezes com uma esposa perfeitamente alheia a apenas três metros de distância. Devo admitir que a invejava. A maioria das mulheres não aprecia como são afortunadas neste sentido. Consegue imaginar os homens, sobretudo um destroço como eu, com a mesma facilidade?

» Uma coisa surpreendente sobre a Belle, perante o que já lhe disse, era a sua absoluta honestidade. Nas nossas primeiras sessões, enquanto decidíamos trabalhar juntos, defini a minha exigência fundamental para a terapia: honestidade total. Teve de se dispor a partilhar todos os acontecimentos importantes da sua vida: uso de drogas, atos sexuais impulsivos, cortes, vômitos, fantasias, tudo. De outra forma, disse-lhe, estaríamos a perder o seu tempo. Mas, se fosse sincera em relação a tudo, podia contar comigo para a ajudar a ultrapassar as dificuldades. Prometeu fazê-lo e selámos o contrato com um aperto de mão solene.

» E, tanto quanto sei, manteve a promessa. Aliás, isto era parte da vantagem que tinha, porque, se existissem recaídas significativas durante a semana, se, por exemplo, cortasse os braços ou fosse a um bar, analisaria essas ações até à exaustão. Insistiria numa investigação longa e aprofundada do que acontecera imediatamente antes da recaída. «Por favor, Belle», dir-lhe-ia, «preciso de saber tudo o que aconteceu antes, tudo o que nos possa ajudar a compreender: os acontecimentos anteriores nesse dia, os seus pensamentos, os seus sentimentos e fantasias.» Isto irritava-a. Tinha outras coisas de que queria falar e detestava desperdiçar grandes

porções do tempo de terapia com isto. Conseguia assim controlar-lhe a impulsividade.

» Reflexão? Não desempenhava grande papel na terapia. Claro que aprendeu a reconhecer que, com frequência, o seu comportamento impulsivo era precedido por um estado de grande apatia ou vazio e que os riscos, os cortes, o sexo, a bebida e as drogas eram tentativas para se preencher ou para se despertar para a vida.

» Mas o que Belle não compreendia era que essas tentativas eram fúteis. Todas elas fracassavam, pois resultavam eventualmente em vergonha profunda, seguida por novas e mais destrutivas tentativas para se sentir viva. Permanecia sempre estranhamente obtusa na apreensão da ideia de que o seu comportamento tinha consequências.

» Por isso, a reflexão não ajudava. Tinha de fazer outra coisa e tentei todas as saídas que vêm nos livros e mais algumas para a ajudar a controlar a impulsividade. Compilámos uma lista dos seus comportamentos destrutivos e concordou em não embarcar em nenhum deles antes de me ligar, permitindo-me dispor de uma oportunidade para a acalmar. Mas raramente ligava, não queria incomodar-me. No fundo, estava convencida de que o meu compromisso com ela era superficial e que não tardaria a cansar-me e a livrar-me dela. Não conseguia convencê-la do contrário. Pediu-me algo que pudesse levar consigo para se lembrar de mim. Fá-la-ia controlar-se melhor. Disse-lhe para escolher qualquer coisa do consultório. Tirou-me o lenço do bolso. Ofereci-lho, mas, antes, anotei nele algumas das suas dinâmicas mais importantes:

*Sinto-me morta e magoo-me para saber que estou viva.*

*Sinto-me morta e tenho de correr riscos para me sentir viva.*

*Sinto-me vazia e tento preencher-me com drogas, comida e sémen.*

*Mas estas soluções são passageiras. Acabo por me sentir envergonhada e ainda mais morta e vazia.*

» Instruí-a a meditar sobre as frases inscritas no lenço de cada vez que se sentisse dominada pelo impulso.

» Parece intrigado, Ernest. Desaprova? Porquê? Demasiado dependente de um adereço? Engana-se. Parece sê-lo, concordo, mas as condições desesperadas exigem remédios desesperados. Para pacientes que parecem nunca desenvolver um sentido definido de constância, descobri

que um objeto, algum lembrete concreto, pode tornar-se muito útil. Um dos meus professores, Lewis Hill, que era um gênio no tratamento de pacientes esquizofrênicos extremos, costumava respirar para dentro de um pequeno frasco e dava-o para que o usassem ao pescoço enquanto ele ia de férias.

» Pensa que também isso depende demasiado de adereços, Ernest? Permita-me que substitua essa classificação pela adequada: criatividade. Recordar-se do que disse antes sobre a criação de uma nova terapia para cada paciente? Era precisamente a isto que me referia. Além disso, não fez a pergunta mais importante.

» Funcionou? Exatamente, exatamente. É essa a pergunta adequada. A única pergunta. Esqueça as regras. Sim, funcionou! Funcionou para os pacientes do Dr. Hill e para Belle, que trazia o meu lenço consigo e, gradualmente, adquiriu maior controlo sobre a sua impulsividade. As «recaídas» começaram a tornar-se menos frequentes e, depressa, pudemos começar a desviar a nossa atenção para outros assuntos durante as horas de terapia.

» O quê? Uma mera cura por transferência? Há algo nisto que o está a incomodar seriamente, Ernest. Isso é bom, é bom questionar. Tem consciência do que realmente importa. Deixe-me dizer-lhe que está no local errado. Não nasceu para a neuroquímica. Bom, a forma como Freud denegriu a «cura por transferência» tem quase um século. Possui alguma verdade, mas, fundamentalmente, está errada.

» Acredite no que lhe digo. Se é possível penetrar num ciclo comportamental autodestrutivo, não importa como, conseguiu-se algo de significativo. O primeiro passo tem de ser a interrupção do círculo vicioso de ódio autodirigido, de autodestruição, seguidos por mais ódio provocado pela vergonha de um comportamento. Apesar de nunca o ter referido, imagine a vergonha e o desprezo que Belle devia sentir pelo seu comportamento degradante. A tarefa do terapeuta é ajudar a inverter esse processo. Karen Horney disse uma vez... conhece o trabalho de Horney, Ernest?

» É pena, mas esse parece ser o destino dos principais teóricos do nosso campo, os seus ensinamentos sobrevivem durante aproximadamente uma geração. Horney era uma das minhas preferidas. Li toda a sua obra durante a minha formação. O seu melhor livro, *Neurose e Crescimento Humano*<sup>2</sup>, tem mais de cinquenta anos, mas é dos melhores livros sobre terapia que poderá ler e sem uma linha de palavreado técnico. Vou enviar-lhe o meu exemplar. Algures, talvez nesse livro, fez uma afirmação

---

<sup>2</sup> *Neurosis and Human Growth*, publicado em 1950. (N. do T.)

simples mas poderosa: «Se quer orgulhar-se de si próprio, faça coisas dignas de orgulho.»

» Perdi-me. Ajude-me a recomeçar, Ernest. O meu relacionamento com Belle? Claro, é por isso que aqui estamos, não é? Houve muitos desenvolvimentos interessantes nessa frente, mas sei que o desenvolvimento mais relevante para a sua comissão é o contacto físico. Belle levantou essa questão praticamente desde o início. Agora, insisto em tocar em todos os meus pacientes, homens ou mulheres, em todas as sessões, geralmente um aperto de mão de despedida ou talvez uma ligeira palmada no ombro. Belle não via isto com bons olhos. Recusou-se a apertar-me a mão e começou a fazer comentários jocosos como: «Esse aperto de mão é aprovado pela Associação Americana de Psiquiatria?» ou «Pode tentar ser um pouco mais formal?».

» Por vezes, terminava a sessão com um abraço, sempre de amizade, nunca sexual. Na sessão seguinte, censurava-me o comportamento, a minha formalidade, o modo como permanecia hirto quando ela me abraçava. E a palavra «herto» diz respeito ao meu corpo e não à pila, Ernest, bem vi o olhar que fez. Seria terrível como jogador de póquer. Ainda não chegámos à parte lasciva. Avisá-lo-ei quando lá chegarmos.

» Queixava-se do meu preconceito fundamentado pela idade. Se ela fosse velha e sábia, não teria hesitado em abraçá-la. É provável que tivesse razão. O contacto físico foi sempre muito importante para Belle. Insistia que nos tocássemos e nunca parou de insistir. Insistia, insistia, insistia. Sem parar. Mas eu compreendia. Belle crescera privada de contacto. A mãe morrera quando era criança e foi criada por uma série de frias governantas suíças. E o seu pai! Imagine crescer com um pai com fobia de germes, que nunca lhe tocava e que usava sempre luvas, tanto dentro como fora de casa. Fazia os criados lavarem e passarem a ferro todas as notas.

» Gradualmente, após um ano, descontraí-me o suficiente, ou cedi o suficiente à pressão incessante de Belle para começar a terminar regularmente as sessões com um abraço avuncular. Avuncular? Quer dizer «relativo ao tio». Mas, desse o que desse, ela pedia sempre mais, tentava beijar-me na face quando a abraçava. Insisti que honrasse os limites, e ela insistia em ultrapassá-los. Não sei dizer-lhe quantas pequenas palestras lhe fiz a este respeito, quantos livros e artigos sobre o assunto lhe dei a ler.

» Mas era como uma criança num corpo de mulher. Um corpo esplendoroso, já agora. E a sua ânsia por contacto era inabalável. Não podia aproximar a cadeira? Não lhe poderia segurar a mão por alguns minutos?

Não nos poderíamos sentar lado a lado no sofá? Não poderia abraçá-la em silêncio ou não poderíamos dar um passeio em vez de falar?

» E era muito persuasiva. «Seymour», dizia, «fala muito de criar uma nova terapia para cada paciente, mas não referiu nos seus artigos que terá de se submeter ao que vem no manual ou que não poderá interferir com o conforto burguês de meia-idade dos terapeutas.» Censurava-me quando me refugiava nas normas de conduta da Associação Americana de Psiquiatria acerca dos limites na terapia. Sabia que fora responsável por escrevê-las quando presidira à associação e acusava-me de estar aprisionado pelas minhas próprias regras. Criticava-me por não ler os meus próprios artigos. «Realça a honra devida à unicidade de cada paciente e, a seguir, presume que um conjunto de regras possa aplicar-se a todos os pacientes e em todas as situações. Somos todos enfiados no mesmo saco», dizia, «como se os pacientes fossem todos iguais e devessem ser tratados da mesma forma.» E o seu coro era sempre: «O que é mais importante? Seguir as regras? Permanecer na segurança da poltrona ou fazer o que é melhor para o paciente?»

» Noutras alturas, atacava a minha «terapia defensiva»: «Sente tanto medo de ser processado. Todos vocês, terapeutas humanistas, se amedrontam perante os advogados enquanto, ao mesmo tempo, incitam os pacientes mentalmente perturbados a apossarem-se da sua liberdade. Acredita realmente que o processaria? Ainda não me conhece, Seymour? Está a salvar-me a vida. Amo-o!»

» E sabe, Ernest, estava certa. Pôs-me em fuga. Estava amedrontado. Defendia as minhas regras mesmo numa situação em que sabia que iam contra a terapia. Colocava a timidez, os medos acerca da minha insignificante carreira, acima dos seus interesses. Na realidade, ao observar as coisas de um ponto de vista desinteressado, não havia qualquer problema em deixá-la sentar-se comigo e segurar-me a mão. Aliás, sempre que o fiz, sem falha, isso enriqueceu a terapia: tornou-se menos defensiva, confiou mais em mim, permitiu-me maior acesso à sua vida interior.

» O quê? Haverá lugar para fronteiras rígidas na terapia? Claro que sim. Continue a ouvir, Ernest. O meu problema foi que Belle carregava sobre todas as fronteiras como um touro sobre uma bandeira vermelha. Sempre que definia as fronteiras, ela tentava fazê-las avançar. Começou a usar roupas diáfnas ou blusas transparentes sem *soutien*. Quando comentei o facto, ridicularizou-me pelas minhas atitudes vitorianas acerca do corpo. Queria conhecer todos os pormenores íntimos da sua mente, dizia, mas



a pele era terreno proibido. Algumas vezes, queixou-se de um caroço no peito e pediu-me para o examinar e, claro, não o fiz. Referia durante horas a fio a obsessão em fazer sexo comigo e implorava-me que o fizéssemos uma única vez. Um dos argumentos que usava era que essa única relação sexual poria fim à obsessão. Ficaria a saber que não era especial nem mágico e ficaria livre para pensar noutras coisas.

» Como me fez sentir a sua campanha em prol do contacto sexual? Boa pergunta, Ernest, mas será pertinente para a entrevista? Não sabe? O que parece ser pertinente é o que fiz, é por isso que estou a ser julgado, não o que senti ou pensei. Ninguém quer saber disso num linchamento! Mas, se desligar o gravador por alguns minutos, posso contar-lhe. Considere isso como uma experiência didática. Já leu *Carta a Jovens Poetas* de Rilke? Considere isto a minha carta a jovens terapeutas.

» Ótimo. A caneta também, Ernest. Pouse-a e limite-se a ouvir por um instante. Quer saber como me afetou? Uma mulher bela obcecada comigo, masturbando-se diariamente enquanto pensava em mim, implorando-me para me deitar sobre ela, falando repetidamente sobre as suas fantasias comigo, sobre esfregar o meu esperma na cara ou colocá-lo sobre bolachas com pepitas de chocolate, como acha que isso me fez sentir? Olhe para mim! Duas bengalas e em vias de piorar, feio, com a cara a ser engolida pelas rugas, com um corpo flácido em decadência.

» Admito. Sou humano. Começou a afetar-me. Pensava nela quando me vestia nos dias em que tínhamos sessão marcada. Que camisa usar? Odiava riscas largas. Dizia que me faziam parecer arrogante. E que *after-shave*? Ela preferia *Royall Lyme* a *Mennen*, e eu vacilava sempre sobre qual usar. Geralmente, optava por *Royall Lyme*. Um dia, no seu clube de ténis, conheceu um dos meus colegas, um intelectual, um autêntico narcisista que sempre gostara de competir comigo e, mal descobriu que existia um elo a unir-nos, fê-lo falar sobre mim. O elo excitava-a e não tardou a ir para casa com ele. Imagine, o imbecil leva para a cama esta mulher belíssima e não sabe que o deve a mim. E eu não lho posso dizer. Irritou-me.

» Uma coisa é a existência de sentimentos fortes para com uma paciente. Deixar que nos motivem a agir é outra. E lutei contra isso, analisei-me continuamente, consultei alguns amigos com regularidade e tentei lidar com o facto durante as sessões. Disse-lhe sempre que era absolutamente impossível fazer sexo com ela, que não voltaria a ser capaz de me sentir bem comigo mesmo se o fizesse. Disse-lhe que precisava de um terapeuta bom e interessado mais do que de um amante aleijado e idoso. Mas admiti

a atração que sentia por ela. Disse-lhe que não queria que se sentasse tão perto porque o contacto físico me estimulava e me reduzia a eficácia como terapeuta. Adotei uma postura autoritária. Insisti que a minha visão a longo prazo era melhor do que a dela, que sabia mais sobre terapia do que ela poderia aspirar a saber.

» Sim, sim, pode voltar a ligar o gravador. Acho que já respondi à sua pergunta sobre o que senti. Prosseguimos assim durante mais de um ano, lutando contra surtos de sintomas. Teve muitas recaídas, mas, no geral, a evolução era positiva. Sabia que isso não constituía uma cura. Apenas conseguia «contê-la», fornecendo-lhe um ambiente de restrição, mantendo-a a salvo de sessão a sessão. Mas podia ouvir o relógio a avançar. Tornava-se fatigada e inquieta.

» Então, um dia, chegou com aspeto abatido. Havia qualquer coisa nova e pura nas ruas e admitiu que estava muito perto de usar heroína. «Não posso continuar a viver uma vida de frustração total», disse. «Esforço-me para fazer isto funcionar, mas estou a ficar sem gás. Conheço-me e sei como funciono. Mantém-me viva e quero colaborar consigo. Penso ser capaz de o fazer. Mas preciso de algum incentivo! Sim, Seymour, sei o que se prepara para dizer. Já conheço as suas falas de cor. Vai dizer que já tenho um incentivo, que o meu incentivo é uma vida melhor, sentir-me melhor comigo, não tentar matar-me, respeitar-me. Mas isso não chega. Está muito distante. É demasiado ténue. Preciso de algo que possa tocar. Preciso de lhe tocar!»

» Comecei a dizer qualquer coisa que a aplacasse, mas ela interrompeu-me. O seu desespero tornara-se intenso e dele emergia uma proposta desvairada. «Seymour, colabore comigo. À minha maneira. Imploro-lhe. Se me mantiver limpa durante um ano, realmente limpa, sabe do que falo, sem drogas, sem vômito, sem bares, sem cortes, nada, se conseguir fazê-lo, recompense-me! Dê-me algum incentivo! Prometa levar-me ao Havai durante uma semana. E leve-me lá como um homem levaria uma mulher. Não como psiquiatra e destroço humano. Não sorria, Seymour. Falo a sério, muito a sério. Preciso disto. Por uma vez, ponha as minhas necessidades acima das regras. Ajude-me.»

» Levá-la ao Havai durante um semana! Vejo que sorri, Ernest. Eu fiz o mesmo. Absurdo! Fiz o mesmo que faria se estivesse na minha posição: ri-me. Tentei passar por cima daquilo como tinha passado por cima de todas as suas propostas anteriores. Mas esta era recorrente. Havia algo mais cativante, mais nefasto no seu comportamento. E também mais persistente.

Não desistia. Não conseguia fazê-la desistir. Quando lhe disse que estava fora de questão, começou a negociar. Prolongou o período de bom comportamento para ano e meio, substituiu o Havai por São Francisco e reduziu a semana primeiro a cinco e depois a quatro dias.

» Entre sessões, comecei a pensar de forma irresistível na proposta de Belle. Não conseguia evitar. Explorava mentalmente as possibilidades. Um ano e meio, dezoito meses de bom comportamento? Impossível. Absurdo. Nunca conseguiria. Porque perdíamos tempo a discutir o assunto?

» Mas imagine-se, apenas como exercício teórico, dizia a mim mesmo, que ela consegue realmente alterar o seu comportamento durante dezoito meses? Dê uma oportunidade à ideia, Ernest. Pense nisso. Considere a possibilidade. Não concorda que, se esta mulher impulsiva desenvolvesse mecanismos de controlo que lhe permitissem comportar-se de forma mais adequada ao seu ego durante dezoito meses, sem drogas, sem cortes, sem qualquer forma de ato destrutivo, deixaria de ser a mesma pessoa?

» O quê? «Pacientes com distúrbios de personalidade envolvidos em jogos?» Foi o que disse? Nunca será um verdadeiro terapeuta se pensar assim. Era precisamente a isso que me referia anteriormente quando falei nos perigos do diagnóstico. Há distúrbios de personalidade e distúrbios de personalidade. Os rótulos violentam os indivíduos. É impossível tratar o rótulo. Temos de tratar a pessoa por trás do rótulo. Volto a perguntar-lhe, Ernest: não concorda que esta pessoa, não o rótulo, mas Belle, esta pessoa de carne e osso, seria alterada de forma intrínseca e radical se conseguisse comportar-se de forma radicalmente diferente durante dezoito meses?

» Não quer comprometer-se? Não o culpo, tendo em conta a posição que hoje ocupa. E o gravador. Limite-se a responder em silêncio. Não, deixe-me responder por si: não acredito que exista um terapeuta vivo que não concordasse que Belle seria uma pessoa absolutamente diversa se já não se deixasse controlar pelos seus impulsos desequilibrados. Desenvolveria valores, prioridades e visões diferentes. Acordaria, abriria os olhos e veria a realidade, talvez conseguisse ver mesmo a sua beleza e o seu valor. E ver-me-ia de forma diferente, como sou na realidade: um velho acabado. Quando a realidade se intrometer, a sua transferência erótica, a sua necrofilia, limitar-se-iam a desaparecer, levando consigo o interesse no incentivo havaiano.

» O que foi, Ernest? Se sentiria a falta da transferência erótica? Se isso me deixaria triste? Claro! Claro que sim! Gosto de ser adorado. Quem não gosta? Você?

» Vá lá, Ernest. Não gosta? Não apreciou o aplauso quando concluiu a sua participação na conferência? Não gostou de ver as pessoas a rodeá-lo? Sobretudo as mulheres?

» Ótimo! Aprecio a sua honestidade. Não é motivo de vergonha. Quem não sente o mesmo? É a nossa natureza. Prosseguindo, sentiria a falta da sua adoração, sentir-me-ia abandonado. Mas isso faz parte. É o meu trabalho. Induzi-la a aperceber-se da realidade, ajudá-la a afastar-se de mim. Até mesmo, Deus nos livre, a esquecer-me.

» Enquanto os dias e as semanas foram passando, a proposta de Belle começou a intrigar-me cada vez mais. Dezoito meses limpa, apostou. E lembre-se de que essa era apenas a oferta inicial. Sou um bom negociador e estava certo de conseguir obter mais, aumentar a aposta, obter maior margem de manobra, cimentar a mudança. Pensei noutras condições que poderia impor: terapia de grupo, talvez, e um esforço mais sério para trazer o marido a sessões de terapia conjugal.

» Pensava na proposta de Belle dia e noite. Não conseguia tirá-la da cabeça. Sou um homem que aprecia apostas, e a vantagem parecia ser minha. Se Belle perdesse, se não resistisse a tomar drogas, a vomitar, a frequentar bares ou a cortar os pulsos, nada ficaria perdido. Voltaríamos apenas ao ponto anterior. Mesmo que conseguisse apenas algumas semanas ou meses de abstinência, poderia trabalhar sobre isso. Se Belle ganhasse, ficaria de tal forma alterada que nunca cobraria o pagamento. Era óbvio. Risco nulo e boas perspetivas de conseguir salvar aquela mulher.

» Sempre gostei de ação. Gosto de corridas e apostava em qualquer coisa, basebol, basquetebol... Depois do liceu, fui para a Marinha e paguei a faculdade com o dinheiro que ganhei nos jogos de póquer a bordo. Durante o estágio no Mount Sinai de Nova Iorque, passava as noites livres envolvido num grande jogo na unidade de obstetrícia com os obstetras de plantão de Park Avenue. Havia um jogo contínuo na sala dos médicos ao lado da sala de parto. Sempre que havia uma mão aberta, pediam à rececionista para chamar o Dr. Blackwood. Sempre que ouvia «Dr. Blackwood chamado à sala de partos», corria rapidamente para lá. Excelentes médicos, todos eles, mas aselhas no póquer. Sabe, Ernest, os estagiários não recebiam quase nada naqueles tempos e, no fim do ano, todos os outros tinham dívidas imensas. E eu? Eu ia para a minha casa em Ann Arbor num *De Soto* descapotável novo, pago graças aos obstetras de Park Avenue.

» Voltando a Belle. Vacilei durante semanas quanto à aceitação da aposta e, um dia, mergulhei de cabeça. Disse-lhe que compreendia a sua

necessidade de incentivo e iniciei negociações sérias. Insisti nos dois anos. Ficou tão grata por ser levada a sério que concordou com todas as minhas condições, e depressa estabelecemos um contrato sólido e claro. A sua parte do acordo era manter-se absolutamente limpa durante dois anos: sem drogas (incluindo álcool), sem cortes, sem vômito, sem engates em bares ou em autoestradas ou qualquer outro tipo de comportamento sexual arriscado. Relações sexuais regradas eram permitidas. E sem qualquer comportamento ilegal. Pensei ter coberto tudo. Ah, claro, tinha de iniciar terapia de grupo e prometer submeter-se a terapia conjugal com o marido. A minha parte do contrato era um fim de semana em São Francisco. Todos os pormenores, o hotel, as atividades seriam escolhidos por ela. Tinha carta branca. Estaria ao seu dispor.

» Belle encarou isto com grande seriedade. No final das negociações, propôs um juramento formal. Trouxe uma Bíblia para uma sessão e jurámos sobre ela que cumpriríamos a nossa parte do contrato. Depois, apertámos as mãos para selar o acordo.

» O tratamento prosseguiu como antes. Víamo-nos aproximadamente duas vezes por semana, talvez três fosse mais adequado, mas o marido começou a protestar contra as contas da terapia. Como Belle se mantinha limpa e não tínhamos de perder tempo a analisar as suas «recaídas», o processo decorreu com maior rapidez e profundidade. Sonhos, fantasias, tudo parecia mais acessível. Pela primeira vez, comecei a ver indícios de curiosidade acerca de si própria. Matriculou-se numa universidade em cursos livres de Psicologia Patológica e começou a escrever uma autobiografia dos primeiros anos da sua vida. Gradualmente, começou a recordar mais pormenores da infância, a procura frustrada de uma nova mãe entre as governantas desinteressadas, a maioria das quais partia após poucos meses devido à obsessão fanática do pai com a limpeza e a ordem. A fobia de germes controlava todos os aspetos da vida dela. Imagine que, até aos catorze anos, não foi à escola e foi educada em casa devido ao medo de que pudesse trazer germes para casa. Por consequência, tinha poucos amigos próximos. Até as refeições com amigos eram raras. Estava proibida de jantar fora e receava o embaraço de expor os amigos aos absurdos rituais do pai: luvas, mãos lavadas entre pratos, inspeções às mãos dos criados para se assegurar de que estavam limpas. Não podia pedir livros emprestados (uma governanta amada foi despedida porque permitiu que Belle e uma amiga usassem os vestidos uma da outra durante um dia). A infância e a sua condição de filha terminaram de forma abrupta aos catorze anos, quando foi enviada para

um colégio interno em Grenoble. A partir daí, manteve apenas contactos esporádicos com o pai, que não tardou a casar-se novamente. A nova esposa era uma mulher bela que fora prostituta, de acordo com uma tia solteirona que lhe disse que a nova esposa era uma de muitas pegadas que o pai conhecera ao longo dos catorze anos anteriores. Talvez, pensou (e esta foi a sua primeira interpretação terapêutica), se sentisse sujo e fosse por isso que se lavava constantemente e não a deixava tocar-lhe.

» Durante estes meses, Belle referia a aposta apenas quando exprimia a sua gratidão para comigo. Chamava-lhe «a afirmação mais intensa» que alguma vez recebera. Sabia que a aposta era uma «prenda» que lhe dava. Ao contrário de outras «prendas» que recebera de outros terapeutas (palavras, interpretações, promessas, «afeto terapêutico»), esta era real e palpável. Pele com pele. Era uma prova tangível de que estava absolutamente dedicado a ajudá-la. E provava o meu amor. Nunca antes fora amada daquela forma. Nunca antes alguém a pusera à frente dos seus interesses próprios, à frente das regras. Certamente, não o seu pai, alguém que nunca lhe oferecera uma mão sem luva e que, até à sua morte, dez anos antes, lhe enviava o mesmo presente de aniversário todos os anos: um maço de notas de cem dólares, uma por cada ano da sua idade, cada uma acabada de lavar e passar a ferro.

» Além disso, a aposta possuía outro significado. Entusiasmava-a a minha disposição para esquecer as regras. O que mais gostava em mim, dizia, era a minha abertura ao risco, o canal que mantinha aberto para a minha sombra. «Também em si existe algo escuro e malicioso», dizia-me. «É por isso que me compreende tão bem. De certa forma, acho que somos almas gémeas.»

» Sabe, Ernest, talvez tenha sido por isso que nos entendemos tão bem e com tanta rapidez, que soube de imediato que era o terapeuta indicado. Por existir algo malicioso na minha expressão, alguma centelha de irreverência no meu olhar. Belle estava certa. Tinha-me percebido. Era esperta.

» E eu sabia exatamente a que se referia, exatamente! Consigo vê-lo nos outros da mesma forma. Desligue o gravador por um minuto. Ótimo. Obrigado. Queria dizer que acho que vejo o mesmo em si. Você e eu, nós sentamo-nos em lados opostos desta mesa de julgamento, mas temos algo em comum. Já lhe disse que sou bom a ler expressões faciais. Raramente me engano a respeito destas coisas.

» Não? Vá lá, sabe a que me refiro! Não é precisamente por esse motivo que ouve o meu relato com tanto interesse? Mais do que interesse! Irei

longe demais se lhe chamar fascínio? Os seus olhos estão grandes como pires. Sim, Ernest, você e eu. Poderia ter estado no meu lugar. A minha aposta digna de Fausto poderia ter sido sua.

» Abana a cabeça. Claro! Mas eu não falo para a sua cabeça. Aponto-lhe diretamente ao coração, e poderá chegar uma altura em que se abra ao que lhe digo. E mais. Talvez se veja a si próprio não apenas em mim, mas também em Belle. Nós os três. Não somos assim tão diferentes uns dos outros! É tudo. Voltemos ao assunto.

» Espere! Antes de voltar a ligar o gravador, Ernest, deixe-me dizer mais uma coisa. Acha que me importo com a comissão de ética? Que podem fazer? Recusarem-me tratamento hospitalar? Tenho setenta anos. A minha carreira acabou e sei-o bem. Então porque lhe conto isto? Na esperança de que possa daí resultar algum bem. Na esperança de que talvez se deixe influenciar por alguma das minhas palavras, de que talvez me deixe fluir pelas suas veias, de que me deixe ensiná-lo. Lembre-se, Ernest, quando digo que possui um canal aberto para a sua sombra, faço-o de forma positiva. Quero dizer que terá a coragem e a grandeza de espírito para ser um grande terapeuta. Volte a ligar o gravador. Por favor, não precisa de responder. Quando se chega aos setenta, as respostas tornam-se supérfluas.

» Muito bem. Onde íamos? O primeiro ano passou com melhorias óbvias em Belle. Sem quaisquer recaídas. Mantinha-se absolutamente limpa. Não me fazia tantas exigências. Ocasionalmente, pedia-me para se sentar perto de mim e eu rodeava-a com o braço, e passávamos alguns minutos sentados assim. Conseguia sempre descontraí-la e tornar a terapia mais produtiva. Continuei a dar-lhe abraços paternais no fim das sessões e ela costumava aplicar-me um beijo respeitoso e casto na face. O marido rejeitou a terapia conjugal, mas concordou em encontrar-se com uma especialista cristã científica durante várias sessões. Belle contou-me que a comunicação entre os dois tinha melhorado e que pareciam ambos mais agradados com o seu relacionamento mútuo.

» Chegados ao décimo sexto mês, tudo continuava bem. Nada de heroína ou de outras drogas, nada de cortes, bulimia, vômitos ou qualquer tipo de comportamento autodestrutivo. Envolveu-se com vários movimentos invulgares: um médium, um grupo de terapia baseada em vidas passadas, um nutricionista que exaltava as virtudes das algas, bizarrias inofensivas típicas da Califórnia. Retomou a vida sexual com o marido e mantinha alguns encontros sexuais com o meu colega, aquele palerma, aquele parvo

que conheceu no clube de ténis. Mas, pelo menos, era sexo seguro, muito distante das aventuras nos bares e na autoestrada.

» Era a evolução positiva mais notável que já vira numa terapia. Belle dizia ser aquele o melhor período da sua vida. Desafio-o, Ernest: inclua-a nalgum dos seus estudos futuros. Seria a paciente mais cativante! Compare os resultados obtidos com qualquer terapia medicamentosa: *Risperidona*, *Prozac*, *Paxil*, *Effexor*, *Wellbutrin*, o que quiser. A minha terapia venceria em qualquer dos casos sem dificuldade. A melhor terapia que fiz até agora, e não pude publicá-la. Não pude sequer falar dela a alguém. Até agora! Você é o meu primeiro público.

» Por volta do décimo oitavo mês, as sessões começaram a mudar. As alterações começaram por ser subtis. Referências crescentes ao nosso fim de semana em São Francisco e, em breve, Belle começou a falar no assunto em cada sessão. Todas as manhãs, deixava-se ficar na cama durante uma hora a sonhar acordada sobre como seria o nosso fim de semana. Sobre dormir nos meus braços, encomendar o pequeno-almoço pelo telefone, viajar de carro até Sausalito para almoço seguido de sesta vespertina. Fantasiava que éramos casados, que me esperava ao fim do dia. Insistia que poderia passar o resto da vida feliz se soubesse que voltaria para ela. Não precisava de muito tempo comigo. Estaria disposta a ser uma amante, a ter-me apenas durante uma hora ou duas por semana. Com isso, poderia viver feliz e saudável para sempre.

» Pode imaginar que, por esta altura, começava a preocupar-me um pouco. E, depois, comecei a preocupar-me muito. Comecei a vacilar. Dei o meu melhor para a ajudar a enfrentar a realidade. Praticamente em todas as sessões referia a minha idade. Em três ou quatro anos estaria numa cadeira de rodas. Em dez anos teria oitenta. Perguntei-lhe quanto tempo pensava que eu ainda viveria. Os homens da minha família morrem jovens. Com a minha idade, o meu pai estava já no caixão há quinze anos. Ela sobreviver-me-ia, pelo menos, durante vinte e cinco anos. Comecei mesmo a exagerar os meus problemas neurológicos. Cheguei a simular uma queda. Estava desesperado a esse ponto. E os velhos não têm muita energia, repetia. Adormecem às oito e meia da noite, dizia-lhe. Há cinco anos que não via o noticiário das dez. E os meus problemas de visão, a bursite no ombro, a dispepsia, a próstata, os gases, a prisão de ventre. Pensei mesmo em arranjar um aparelho auditivo para aumentar o efeito.

» Mas tudo isto foi um erro terrível. Uma asneira colossal. Consegui apenas despertar-lhe ainda mais o apetite. Tinha um fascínio perverso



pela minha incapacidade. Tinha fantasias comigo a sofrer um enfarte e a ser abandonado pela minha mulher, permitindo-lhe vir tomar conta de mim. Uma das suas fantasias preferidas envolvia prestar-me cuidados de enfermeira: fazer-me chá, lavar-me, mudar-me os lençóis e os pijamas, aplicar-me pó de talco e, a seguir, despir-se e enfiar-se debaixo dos lençóis frescos comigo.

» No vigésimo segundo mês, a melhoria de Belle era ainda mais acentuada. Tinha-se envolvido por sua iniciativa com os Toxicodependentes Anónimos e participava em três encontros por semana. Fazia trabalho voluntário em escolas de gueto para ensinar raparigas adolescentes sobre métodos contraceptivos e a sida, e fora aceite num programa de mestrado numa universidade local.

» Como, Ernest? De que forma soube que me dizia a verdade? Nunca duvidei dela. Sabia que tinha defeitos de carácter, mas a sinceridade, pelo menos comigo, parecia compulsiva. No início da terapia, creio que referi isto antes, estabelecemos um contrato de sinceridade recíproca e absoluta. Houve algumas vezes, durante as primeiras semanas, em que ocultou alguns episódios particularmente degradantes, mas não conseguiu suportá-lo. Começou a acreditar que podia ler-lhe a mente e que a expulsaria do consultório. Em cada ocorrência, não conseguia esperar até à sessão seguinte para confessar e tinha de me telefonar (numa ocasião, depois da meia-noite) para repor a verdade.

» Mas a sua pergunta é pertinente. Havia demasiado em jogo para me limitar a acreditar na sua palavra, e fiz o que devia ser feito: consultei todas as fontes disponíveis. Durante este período, encontrei-me com o marido algumas vezes. Recusava a terapia, mas aceitou ajudar a acelerar o ritmo da recuperação de Belle e confirmou tudo o que dissera. Não apenas isso, mas autorizou-me também a contactar a sua conselheira cristã científica, que, ironicamente, concluía o doutoramento em Psicologia e lia o meu trabalho. Também ela confirmou a história de Belle. Esforçava-se para salvar o casamento, não se cortava, não consumia drogas, fazia trabalho voluntário em prol da comunidade. Não violava as regras.

» O que teria feito nesta situação, Ernest? O quê? Não teria chegado a este ponto? Sim, bem sei. Resposta fácil. Desilude-me. Diga-me, se não tivesse chegado a este ponto, aonde teria chegado? Voltaria para o laboratório? Ou iria à biblioteca? Estaria seguro. Correto e confortável. Mas onde estaria a paciente? Ter-se-ia ido há muito! Passou-se o mesmo com os vinte terapeutas que Belle consultou antes de mim. Todos seguiram pelo

caminho fácil. Mas eu sou diferente. Sou um salvador de almas transviadas. Recuso-me a abandonar um paciente. Foi assim durante toda a minha carreira. Conhece a minha reputação? Faça perguntas. Pergunte ao presidente da sua comissão. Ele sabe. Já me enviou dúzias de pacientes. Sou o terapeuta do último recurso. Envia-me os pacientes de que desistiram. Acena com a cabeça? Já ouviu falar de mim? Ótimo! É bom que saiba que não sou apenas um velho senil.

» Ponha-se na minha posição! Que poderia eu fazer? Estava a ficar nervoso. Entrei em pânico, interpretando de forma frenética como se a minha vida dependesse disso. Interpretei tudo o que se movia. E as ilusões dela impacientavam-me. Por exemplo, a fantasia tresloucada em que éramos casados e se dedicava unicamente a esperar durante toda a semana, em animação suspensa, por uma ou duas horas comigo. «Que tipo de vida será essa e que tipo de relação?», perguntei-lhe. Não era uma relação, era xamanismo. Veja-o do meu ponto de vista, dizia-lhe. Que imaginava ela que eu poderia obter de tal acordo? Fazê-la curar-se devido a uma hora da minha presença? Era irreal. Poderia aquilo ser uma relação? Não! Não estávamos a ser honestos um com o outro. Usava-me como símbolo. E a sua obsessão em chupar-me e engolir o meu esperma. A mesma coisa. Irreal. Sentia-se vazia e queria que a preenchesse com a minha essência. Não conseguiria ver o que fazia? Não conseguiria ver o erro de tratar o simbólico como se fosse uma realidade concreta? Durante quanto tempo acreditaria que a quantidade ínfima de esperma por mim produzida conseguiria preenchê-la? Num espaço de segundos, os seus ácidos gástricos não deixariam nada além de sequências fragmentadas de ADN.

» Belle acenava com a cabeça às minhas interpretações frenéticas, mantendo uma expressão grave. E, a seguir, voltava a tricotar. O seu conselheiro dos Toxicodependentes Anónimos ensinara-a a tricotar e, durante as últimas semanas, trabalhou de forma ininterrupta numa camisola que eu usaria durante o fim de semana. Não encontrei forma de a abalar. Concordou que podia estar a basear a sua vida numa fantasia. Talvez buscasse o arquétipo do ancião sábio. Mas seria isso tão mau? Além do seu programa de mestrado, frequentava um curso de Antropologia e lia *O Ramo Dourado*<sup>3</sup>. Disse-me que a maioria da humanidade vivia de acordo com conceitos tão irracionais como tótemes, reencarnação, paraíso e inferno, até mesmo curas por transferência na terapia e a deificação de Freud. «O que funcionar,

---

<sup>3</sup> *The Golden Bough*, de James George Frazer, publicado originalmente em 1890. (N. do T.)

funciona», dizia, «e pensar que estaremos juntos num fim de semana funciona. Tem sido o melhor período da minha vida. É como se fosse casada consigo. É como esperar e saber que regressará em breve. Faz-me seguir em frente. Mantém-me feliz.» E, com isto, voltou a tricotar. Aquela maldita camisola! Senti vontade de lha arrancar das mãos.

» Atingido o vigésimo segundo mês, pressionei o botão de pânico. Perdi toda a compostura e comecei a manobrar, a negociar, a implorar. Ministrei-lhe uma palestra sobre o amor. «Diz que me ama, mas o amor é um relacionamento, é a preocupação mútua, preocupação com o desenvolvimento e a essência do outro. Preocupa-se comigo? Preocupa-a a forma como me sinto? Alguma vez pensa na minha culpa, no meu medo, no impacto que isto terá na minha autoestima, sabendo que terei feito algo que vai contra a ética? E o impacto na minha reputação? Os riscos que corre a minha profissão e o meu casamento?»

» «Quantas vezes», respondeu Belle, «me recordou de que somos duas pessoas numa interação humana, nada mais, nada menos? Pediu-me para confiar em si e assim fiz. Confiei em alguém pela primeira vez na vida. Agora sou eu que lhe peço para confiar em mim. Será o nosso segredo. Levá-lo-ei para a sepultura. Não importa o que suceda. Para sempre! E quanto à sua autoestima, à culpa e às preocupações profissionais, o que poderá ser mais importante do que o facto de me estar a curar como é a sua função? Deixará que as regras, a reputação e a ética se sobreponham a isso?» Consegue responder, Ernest? Eu não consegui.

» De forma subtil, mas perturbadora, aludiu aos efeitos potenciais da minha indecisão na aposta. Vivera dois anos à espera daquele fim de semana comigo. Em quem poderia voltar a confiar? Noutro terapeuta? Ou em qualquer outra pessoa? Fez-me saber que isso seria algo de que deveria sentir-me culpado. Não precisou de dizer muito. Sabia o que a minha traição significaria. Não se comportara de forma autodestrutiva durante mais de dois anos, mas não duvidava de que facilmente voltaria ao mesmo. Para ser direto, estava convencido de que, se recuasse, Belle se mataria. Continuei a tentar escapar à armadilha, mas o bater de asas tornou-se mais débil.

» «Tenho setenta anos, você tem trinta e quatro», disse-lhe. «Dormirmos juntos não será natural.»

» «Chaplin, Kissinger, Picasso, Humbert e Lolita», respondeu Belle, sem sequer erguer os olhos do que tricotava.

» «As suas expectativas atingiram níveis grotescos», disse-lhe, «tudo

está inflado, exagerado, afastado da realidade. Este fim de semana só poderá ser uma decepção para si.»

» «Uma decepção seria o melhor que poderia acontecer», respondeu. «Para quebrar a minha obsessão consigo, a minha “transferência erótica”, como gosta de lhe chamar. A nossa terapia só poderá sair enriquecida.»

» Continuei a vacilar. «Além disso, na minha idade a potência perde-se.»

» «Seymour», repreendeu-me, «estou surpreendida. Ainda não percebeu que a potência ou o sexo não têm qualquer importância. O que quero é que esteja comigo e me abrace, como pessoa, como mulher. Não como paciente. E, de qualquer forma», aqui ergueu a camisola até à cara, espreitando-me com olhos tímidos, «vou dar-lhe a melhor foda da sua vida!»

» O tempo acabou por se esgotar. O vigésimo quarto mês chegou e não tive escolha além de pagar o preço devido ao diabo. Se recuasse, sabia que as consequências seriam catastróficas. Se, por outro lado, mantivesse a palavra, quem poderia saber? Talvez estivesse certa, talvez quebrassem a obsessão. Talvez, sem a transferência erótica, as suas energias fossem libertadas para melhorar o relacionamento com o marido. Continuaria a manter a fé na terapia. Reformar-me-ia dentro de um par de anos e ela continuaria com outros terapeutas. Talvez um fim de semana com Belle em São Francisco fosse um ato supremo de dedicação terapêutica.

» O que foi, Ernest? A minha contratransferência? Tal como teria sido a sua: em movimento giratório contínuo. Tentei mantê-la afastada da decisão. Não agi baseado nela. Estava convencido de que não teria outra opção racional. E continuo convencido disso, mesmo apesar do que aconteceu. Mas admito ter-me sentido algo mais do que apenas dedicado. Ali estava eu, um velho à beira do fim, com neurónios corticais cerebelares a dar de si diariamente, a visão a perder-se, a vida sexual acabada (a minha mulher, que é ótima a abdicar de coisas, abdicou do sexo muito tempo antes). A minha atração para com Belle? Não a negarei. Adorava-a. E disse-me que me daria a melhor foda da minha vida. Conseguia ouvir os meus motores hormonais esgotados a voltar à vida. Mas, deixe-me que lhe diga a si e ao gravador, deixe-me que o diga de forma clara: não foi por isso que o fiz! Esse fator pode não ter importância para si ou para a comissão de ética, mas é fundamental para mim. Nunca violei o meu pacto com Belle. Nunca violei o pacto estabelecido com qualquer paciente. Nunca coloquei as minhas necessidades à frente das suas.

» Quanto ao resto da história, presumo que a conheça. Está tudo aí na sua ficha. Encontrámo-nos em São Francisco para tomar o pequeno-almoço

no Mama's de North Beach no sábado de manhã e ficámos juntos até ao final de domingo. Decidimos dizer aos cônjuges respetivos que eu marcara uma sessão intensiva de terapia de grupo com os meus pacientes. Organizo grupos desse género para dez ou doze pacientes meus cerca de duas vezes por ano. Belle tinha participado num desses fins de semana durante o seu primeiro ano de terapia.

» Já organizou grupos desse género, Ernest? Não? Bom, deixe-me dizer-lhe que são muito intensos... aceleram a terapia de forma inacreditável. Devia informar-se. Quando voltarmos a encontrar-nos, e estou certo de que acontecerá, em circunstâncias diferentes, falar-lhe-ei deles. Faço-os há trinta e cinco anos.

» Voltando ao fim de semana. Não é justo levá-lo tão longe e não lhe permitir partilhar o clímax. Vejamos, que poderei dizer-lhe? Que querei dizer-lhe? Tentei manter a dignidade e a compostura de terapeuta, mas não durou muito tempo. Belle assegurou-se disso. Mal tínhamos efetuado o registo no Fairmont, passámos a ser homem e mulher, e tudo, mesmo tudo, o que Belle previu acabou por se concretizar.

» Não lhe mentirei, Ernest. Adorei cada minuto deste fim de semana, uma grande parte do qual foi passado na cama. Preocupava-me que a minha canalização interna estivesse enferrujada após tantos anos sem uso, mas Belle era uma canalizadora exímia e, após alguns safanões e encaixes, tudo voltou a funcionar como antes.

» Durante três anos, reprendera Belle por ter vivido iludida e impusera-lhe a minha realidade. Agora, por um fim de semana, entrara no seu mundo e descobrira que a vida no reino mágico não era má de todo. Era a minha fonte da juventude. Hora a hora, tornava-me mais jovem e mais forte. Caminhava melhor, encolhia a barriga, parecia mais alto. Digo-lhe, Ernest, sentia vontade de urrar. E Belle reparou. «Era disto que precisava, Seymour. E isto é tudo o que sempre quis de si... ser abraçada, dar-lhe o meu amor. Compreende que é a primeira vez na vida que dou amor? É assim tão terrível?»

» Chorou muito. Juntamente com as outras condutas, os meus canais lacrimais também se desentupiram e também eu chorei. Deu-me tanto neste fim de semana. Passei toda a minha carreira a dar e era a primeira vez que recebia. Era como se retribuísse por todos os pacientes que tivera.

» Mas a vida real foi retomada. O fim de semana terminou. Voltámos às duas sessões por semana. Nunca pensei que perderia a aposta e, por isso, não fizera planos para as sessões posteriores. Tentei voltar ao que antes

fazia, mas, após uma ou duas sessões, percebi que tinha um problema. Um grande problema. É quase impossível restabelecer uma relação formal entre quem se conhece intimamente. Apesar dos meus esforços, o trabalho sério da terapia foi substituído por um novo tom de afeto brincalhão. Belle insistia em sentar-se no meu colo. Abraçava, acariciava e apalpava muito. Tentei afastá-la, tentei manter uma relação de trabalho ética, mas, convenhamos, deixara de ser terapia.

» Parei tudo e sugeri de forma solene que tínhamos duas opções: ou tentávamos regressar ao trabalho sério, o que implicava voltar a um relacionamento mais tradicional e sem contacto físico, ou deixávamos de fingir que fazíamos terapia e passávamos a manter uma relação puramente social. E por «social» não quis dizer sexual. Não pretendia dificultar ainda mais a situação. Disse-lhe que ajudei a escrever as regras que condenam as relações sexuais entre terapeutas e pacientes. Também lhe deixei claro que, visto que já não fazíamos terapia, não aceitaria o seu dinheiro.

» Nenhuma dessas opções lhe pareceu aceitável. Um regresso à formalidade terapêutica parecia uma farsa. Não será o relacionamento terapêutico a única instância em que não há lugar para jogos? Quanto ao não pagamento, era impossível. O marido instalara o escritório em casa e passava lá a maior parte do tempo. Como poderia explicar-lhe que tinha dois compromissos semanais de uma hora a horas marcadas se não passasse cheques para pagar a terapia?

» Belle censurou-me pela minha definição estreita de terapia. «Os nossos encontros, íntimos, brincalhões, físicos, por vezes fazendo sexo no seu divã, também são terapia. Uma boa terapia. Porque não consegue ver isso, Seymour?», perguntava. «A boa terapia não é a terapia eficiente? Esqueceu as suas afirmações sobre a única questão importante? Funciona ou não? E a minha terapia não funciona? Não tenho evoluído bem? Mantive-me limpa. Sem sintomas. A acabar os estudos. Estou a iniciar uma nova vida. Mudou-me, Seymour, e tudo o que tem de fazer para manter a mudança é continuar a passar duas horas por semana junto de mim.»

» Era muito inteligente. E a sua inteligência não parava de aumentar. Não consegui encontrar um argumento que pudesse demonstrar que os nossos encontros não constituíam uma terapia adequada.

» No entanto, sabia que não podia ser. Gostava demasiado daquilo. Gradualmente, de forma demasiado gradual, apercebi-me de que estava metido num grande sarilho. Quem olhasse para os dois juntos concluiria

que eu explorava a transferência, usando esta paciente para o meu prazer. Ou que era um prostituto geriátrico com preço inflacionado!

» Não sabia o que fazer. Obviamente, não podia consultar ninguém. Sabia o que me aconselhariam e não estava preparado para dar o braço a torcer. Nem poderia encaminhá-la para outro terapeuta porque não iria. Para ser sincero, não insisti muito nessa opção. E isso preocupa-me. Terei feito o que devia? Perdi algumas noites a imaginar que contava a outro terapeuta o que acontecera comigo. Sabe como os terapeutas contam uns aos outros as bizarras dos seus antecessores e adorariam apetecíveis boatos sobre Seymour Trotter. No entanto, não lhe podia pedir para me proteger. Fazê-la guardar esse segredo sabotaria a sua terapia seguinte.

» Finalmente, as minhas oportunidades esgotaram-se, mas, mesmo assim, não estava preparado para a fúria intensa da tempestade quando finalmente chegou. Numa noite, voltei para casa e encontrei-a às escuras. A minha mulher partira e havia quatro fotografias minhas e de Belle pregadas à porta da frente. Uma mostrava-nos a fazer o registo no Hotel Fairmont, outra mostrava-nos a entrar no quarto juntos com as malas e a terceira era uma ampliação do formulário de registo. Belle pagara em dinheiro e registara-nos como Dr. e Sra. Seymour. A quarta mostrava-nos abraçados no miradouro da Golden Gate.

» Lá dentro, na mesa da cozinha, encontrei duas cartas: uma do marido de Belle para a minha mulher, dizendo que talvez lhe interessasse ver as quatro fotografias no interior que demonstravam o tipo de tratamento que o marido facultava à mulher dele. Disse que enviara uma carta idêntica para a comissão estatal de ética médica e terminou com uma ameaça violenta, sugerindo que, se voltasse a ver Belle, um processo judicial seria a menor das preocupações que a família Trotter teria de suportar. A segunda carta era da minha mulher, curta e direta, pedindo-me para não me dar ao trabalho de explicar. Podia guardar as palavras para o seu advogado. Deu-me vinte e quatro horas para fazer as malas e sair.

» E isso traz-nos até ao presente, Ernest. Que mais posso contar-lhe?

» Como obtive as fotografias? Deve ter contratado um detetive privado para nos seguir. Que ironia. O marido decidiu abandoná-la apenas quando começou a melhorar! Mas quem sabe? Talvez procurasse um pretexto há muito. Talvez Belle o tenha esgotado.

» Não voltei a vê-la. Conheço apenas boatos partilhados por um velho amigo no Hospital Pacific Redwood. E não são boatos agradáveis. O marido divorciou-se dela e fugiu do país com os bens da família. Desconfiava

de Belle há meses, desde que lhe descobrira preservativos na mala. Isso constitui uma ironia ainda maior. Foi apenas devido à redução dos instintos autodestrutivos alcançada pela terapia que aceitou usar preservativos nos seus encontros.

» De acordo com as últimas informações que recebi, a condição de Belle é atroz. De volta à estaca zero. A antiga patologia voltou: dois internamentos por tentativas de suicídio, um por corte, outro por *overdose* grave. Sei que vai acabar por se matar. Ao que parece, tentou consultar três outros terapeutas, e todos acabaram dispensados. Recusa-se a fazer mais terapia e voltou às drogas duras.

» O mais grave em tudo isto é que sei que conseguiria ajudá-la, mesmo agora. Estou certo. Mas estou proibido de a ver ou de falar com ela por ordem judicial, sob pena de punição severa. Deixou-me várias mensagens gravadas, mas o meu advogado advertiu-me de que corria sérios riscos e não me autorizou a responder se quisesse escapar à prisão. Contactou Belle e informou-a de que, por ordem judicial, eu não estava autorizado a comunicar com ela. Finalmente, deixou de ligar.

» Que pretendo fazer? A respeito de Belle? É uma decisão difícil. Aflige-me não poder devolver-lhe as chamadas, mas a prisão não me agrada. Sei que poderia ajudá-la muito numa conversa de dez minutos. Mesmo agora. Aqui entre nós, desligue o gravador, Ernest, não sei se serei capaz de me limitar a deixá-la afundar-se. Não sei se conseguiria viver com esse peso na consciência.

» E aí tem. O fim da minha história. *Finis*. Deixe-me que lhe diga que não era desta forma que pretendia acabar a minha carreira. Belle é a personagem principal desta tragédia, mas a situação também é catastrófica para mim. Os seus advogados tentam convencê-la a pedir compensação por danos provocados, a tentar obter tanto quanto consiga. Vão lançar-se sobre mim como hienas famintas. O processo por negligência chegará dentro de poucos meses.

» Deprimido! Claro que estou deprimido. Quem não estaria? Chamo-lhe uma depressão adequada à minha condição atual: sou um velho miserável. Sem incentivos para viver, solitário, repleto de dúvidas, terminando a vida em desgraça.

» Não, Ernest, não é uma depressão tratável com drogas. Não é esse tipo de depressão. Não há traços biológicos: sintomas psicotores, insónia, perda de peso, nada disso. Obrigado pela oferta.

» Não, não me sinto suicida, apesar de admitir uma atração pelo vazio. Mas sou um sobrevivente. Rastejo para a cave e lambo as feridas.



» Sim, muito sozinho. Com a minha mulher, há já muitos anos que vivíamos juntos por hábito. Sempre vivi para o trabalho. O casamento manteve-se sempre na periferia. Ela sempre me disse que eu satisfazia os meus desejos com os pacientes. E tinha razão. Mas não foi por isso que partiu. A ataxia progride rapidamente e não me parece que lhe agradasse a ideia de se tornar minha enfermeira a tempo inteiro. O meu palpite é que terá dado graças por ter encontrado uma desculpa para se esquivar a essa responsabilidade. Ninguém a poderá culpar.

» Não, não preciso de fazer terapia com ninguém. Já lhe disse que não estou clinicamente deprimido. Aprecio a sua preocupação, Ernest. Mas seria um paciente turbulento. Até agora, como disse, tenho lambido as feridas, e faço-o muito bem.

» Não me importo que ligue para ver como tenho passado. Comove-me a sua preocupação. Mas não se preocupe, Ernest. Sou um filho da mãe duro. Hei de ficar bem.

E, com isto, Seymour Trotter pegou nas bengalas e cambaleou para fora do gabinete. Ernest manteve-se sentado, ouvindo os passos e as batidas ritmadas no chão tornarem-se mais distantes.

Quando Ernest ligou duas semanas depois, o Dr. Trotter voltou a recusar todas as ofertas de ajuda. Minutos depois, encaminhou a conversa para o futuro de Ernest e voltou a exprimir a sua convicção profunda de que, quaisquer que fossem os seus méritos como psicofarmacologista, continuava a escapar à sua vocação: nascera para ser terapeuta e devia a si próprio o cumprimento do seu destino. Convidou-o para discutir o assunto ao almoço, mas Ernest recusou.

— Não sei onde estava com a cabeça — respondeu o Dr. Trotter sem qualquer traço de ironia. — Perdoe-me. Estou a aconselhá-lo sobre uma mudança na carreira sem me ocorrer que a arriscaria se fosse visto em público comigo.

— Não, Seymour — pela primeira vez, Ernest tratou-o pelo primeiro nome. — Não é de todo por esse motivo. A verdade é que, e envergonha-me ter de lhe admitir isto, fui convocado para prestar testemunho como perito no seu processo por negligência.

— O seu embaraço não tem razão de ser, Ernest. Testemunhar é o seu dever. Eu faria o mesmo, precisamente o mesmo, se estivesse na sua posição. A nossa profissão é vulnerável, ameaçada por todos os lados. É

nosso dever protegê-la e assegurar a manutenção de determinados padrões. Mesmo que não acredite em mais nada do que lhe disse, acredite que valorizo este trabalho. Dediquei-lhe toda a minha vida. Foi por isso que lhe contei a minha história de forma tão pormenorizada. Quis que soubesse que não foi uma história de traição. Agi de boa-fé. Sei que parece absurdo, mas, mesmo agora, acredito que fiz o que devia. Por vezes, o destino lança-nos para posições em que a coisa certa a fazer é também a coisa errada. Nunca traí a minha profissão nem um paciente. Traga o futuro o que trouxer, Ernest, acredite no que lhe digo. Acredito no que fiz. Nunca trairia um paciente.

Ernest testemunhou no processo por negligência. O advogado de Seymour, referindo a sua idade avançada, a diminuição do seu discernimento e a falta de saúde, tentou uma defesa nova e desesperada: afirmou que fora Seymour a vítima e não Belle. Mas o caso estava perdido, e Belle recebeu dois milhões de dólares, o máximo permitido pelo seguro de Seymour contra processos por negligência. Os seus advogados teriam perdido mais, mas parecia não valer a pena. Depois do divórcio e das despesas legais, os bolsos de Seymour tinham ficado vazios.

Chegou assim ao fim a história pública de Seymour Trotter. Pouco tempo após o julgamento, deixou a cidade de forma discreta e não se voltou a ouvir falar dele, exceto numa carta (sem remetente) que Ernest recebeu um ano mais tarde.

Ernest tinha apenas alguns minutos antes de receber o seu primeiro paciente, mas não resistiu a inspecionar novamente o último vestígio de Seymour Trotter.

*Caro Ernest,*

*Você foi o único, naqueles demoníacos tempos de caça às bruxas, que exprimiu preocupação pelo meu bem-estar. Obrigado. Foi um grande conforto. Estou bem. Perdido, mas não pretendo ser encontrado. Devo-lhe muito. Pelo menos esta carta e esta fotografia minha com Belle. A casa que se vê ao fundo pertence-lhe. Belle conseguiu deitar mãos a uma quantia de dinheiro avultada.*

*Seymour*

Como fizera muitas vezes antes, Ernest olhou para a fotografia esbatida. Num relvado salpicado por palmeiras, Seymour estava sentado numa cadeira de rodas. Belle permanecia de pé atrás dele, abatida e emaciada. Mantinha as mãos nos punhos da cadeira e os olhos baixos. Por trás, via-se uma graciosa casa de estilo colonial e, mais além, a água verde e brilhante de um mar tropical. Seymour ria-se. Um sorriso largo e matreiro. Segurava-se à cadeira com uma mão e, com a outra, apontava radiante com a bengala para o céu.

Como sempre, de todas as vezes que estudara a fotografia, Ernest sentiu desconforto. Observou mais de perto, tentando entrar pela imagem dentro, tentando encontrar alguma pista, alguma resposta definitiva para o que acontecera realmente a Seymour e Belle. A chave, pensou, residia nos olhos dela. Pareciam melancólicos ou até desesperados. Porquê? Obtivera o que desejava, não? Aproximou-se mais de Belle e tentou captar-lhe o olhar. Mas, sempre que o fazia, ela olhava para longe.